

## **A Integração dos Saberes Indígenas nas Instituições de Ensino: O Papel dos NEABIs na Construção de uma Educação Intercultural**

José Luiz Silva de Oliveira ( IFPB, Campus Monteiro), Waldemar Virgínio de Siqueira Neto ( IFPB, Campus Monteiro), Maria Alice de Gois Neves ( IFPB, Campus Monteiro), Daniella Pereira Ferreira Silva ( IFPB, Campus Monteiro), Déborah Laís Alves Bezerra ( IFPB, Campus Monteiro).

E-mails: [jose.oliveira.5@academico.ifpb.edu.br](mailto:jose.oliveira.5@academico.ifpb.edu.br), [waldemar.virginio@academico.ifpb.edu.br](mailto:waldemar.virginio@academico.ifpb.edu.br), [alice.gois@academico.ifpb.edu.br](mailto:alice.gois@academico.ifpb.edu.br),  
[daniella.pereira@academico.ifpb.edu.br](mailto:daniella.pereira@academico.ifpb.edu.br), [deborah.lais@academico.ifpb.edu.br](mailto:deborah.lais@academico.ifpb.edu.br).

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 7.03.01.00-0 Etnologia Indígena

Palavras - Chaves: Saberes Indígenas; Educação Intercultural; NEABIs; Diversidade cultural; Povos originários; Justiça social .

### **1.Introdução**

O documento busca, para ser exato, investigar caminhos para incluir os conhecimentos indígenas na educação brasileira, destacando a função dos NEABIs como impulsionadores dessas causas. O conhecimento tradicional dos povos originários, é algo incrivelmente valioso, um tesouro cultural acumulado com anos de estudo da natureza, vivências e diferentes jeitos de ver o mundo.

Esses saberes envolvem a medicina antiga, a fala, a espiritualidade, a vida em grupo, e a história ancestral, oferecendo muito para uma educação mais humana, crítica e ligada às coisas locais e mundiais. Dessa forma, o estudo tenta explicar como valorizar e trazer os saberes indígenas, impulsionados por projetos como o NEABIs, podem ajudar a criar uma educação mais justa e diversa. A ação dos NEABIs nas escolas, usando projetos de pesquisa e eventos, além de formações e parcerias com chefes indígenas e trabalhos multidisciplinares, cria um espaço pro diálogo intercultural, ajudando a combater o preconceito e o esquecimento histórico dos povos originais.

Apesar das contribuições importantes que os saberes indígenas trazem para o ensino, incluir isso nos currículos ainda é um desafio. Entre as dificuldades, destaca-se a visão eurocentrista forte sobre o saber, a falta de material didático apropriado e de professores indígenas nas escolas, e também a precisão no respeito à cultura e religião dos povos. Igualmente, existem questões políticas e estruturais que atrapalham a aplicação destas ideias, como a atuação dos NEABIs na tomada de decisões e a criação de políticas de ação afirmativa e permanência estudantil.

Ao analisar os benefícios e as dificuldades de incorporar o saber indígena na educação, com foco no papel do NEABIs, esta pesquisa almeja, numa perspectiva abrangente, explorar os impactos dessa integração na formação de uma sociedade mais plural, democrática e comprometida com a justiça social e o reconhecimento das identidades originárias.

### **2.Materiais e Métodos**

O trabalho foi desenvolvido com diversas etapas organizadas, iniciando-se por meio de conhecimentos previamente adquiridos e viagens técnicas. A partir dessas experiências, os autores participaram de palestras, fóruns físicos de debate e reuniões didáticas com foco em literatura indígena, tendo-se uma melhor compreensão da intelectualidade indígena, como Baniwa (2019) e Munduruku (2009) acerca da possibilidade de lidar com os saberes indígenas como credíveis e válidos, ainda que vinculados às chamadas epistemologias do sul global, não europeias, o que possibilitou a coleta de conhecimentos voltados ao tema desta pesquisa.

Dessa forma, essas informações foram analisadas e organizadas em diários de campo (MINAYO, 1999). Neste, por meio de pesquisas independentes e qualitativas (GIL, 2017), na qual visa aprofundar a compreensão de um fenômeno, descrevendo-o em detalhe e fornecendo informações sobre as suas características e contexto, sendo caracterizado pela “observação participante”, em vista que os pesquisadores se envolveram diretamente no ambiente e nas atividades. Nesse contexto, o trabalho foi elaborado de forma sistematizada e fundamentada.

### **3.Resultados e Discussões**

Lendo e experienciando em diferentes áreas acadêmicas, evidencia-se como integrar o saber indígena na educação de forma crítica, ampla e transformadora é essencial. As atividades no campus de Monteiro, mas especialmente a viagem técnica ao campus de Sousa – arranjada pelo NEABII – promoveram contato direto com os saberes dos povos originários, ampliando a consciência sobre a diversidade cultural e a urgência de combater a invisibilidade histórica desses grupos. Os autores deste estudo participam do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, relacionado ao projeto “Saberes Indígenas”, parceria da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) com o Instituto Federal da Paraíba (IFPB).

Ademais da base teórica, as vivências também geraram práticas, como visitas a locais de valor arqueológico e geológico, onde foi possível ver elementos como pinturas rupestres e marcas de fósseis. Esses documentos, por sua vez, trouxeram reflexões sobre a ancestralidade e o passado das terras, hoje ocupadas, sendo a “posse inicial das terras” e os estragos da colonização, como o esvaziamento cultural, as missões de ensino e os processos de incorporação obrigatória. Como lembra Munduruku (2009), ao refletir sobre o Brasil como um país erguido sobre um grande cemitério indígena, é necessário reconhecer a história de silenciamento e violência que ainda permeia a estrutura social. Em contraste com outras pautas, as deliberações também mostram formas de oposição e de manter a cultura, como a aplicação medicinal de plantas, a valorização da cultura passada pela oralidade, a persistência das línguas nativas e como se cuida do ambiente natural.

Nesse contexto, o encontro importantíssimo no decorrer da viagem foi um local essencial para ouvir, trocar ideias e firmar o conhecimento. Foram falados assuntos como a ligação dos povos originais com a caatinga, os problemas do meio ambiente, como desmatamento e a transformação em deserto, e também detalhes sobre fé, rituais, a fabricação de ferramentas, a organização social e o uso da terra. Esse debate permitiu uma análise crítica do que aconteceu na colonização e dos efeitos hoje em dia sobre as comunidades tradicionais, tornando ainda mais importante a educação para reconhecer e valorizar as culturas.

As experiências contadas nessas intervenções também revelaram o quão valioso é a identidade étnica e racial no desenvolvimento de pessoas que pensam e se importam com o mundo. Tópicos como pertencimento e combate ao preconceito, e estima pelas origens culturais foram mergulhados em ambientes colaborativos, estimulando a escuta atenta, apreciação e a empatia. A criação conjunta dessas ocasiões pôs à mostra não apenas o poder dos conhecimentos ancestrais, mas também as falhas nas estruturas sociais que ainda se deixam influenciar pela exclusão e pelo silenciamento.

Destas experiências, nota-se a função crucial dos NEABIIs como elos entre os saberes tradicionais e o contexto acadêmico. Esses núcleos operam fomentando uma educação que reconhece e aprecia a diversidade, desafiando perspectivas eurocêntricas e impulsionando a equidade. As iniciativas promovidas por esses espaços demonstram sua capacidade transformadora na estruturação de instituições educacionais mais justas, diversificadas e fiéis à justiça social, lendo e experienciando em diferentes áreas acadêmicas, evidencia-se como integrar o saber indígena na educação de forma crítica, ampla e transformadora é essencial. As atividades no campus de Monteiro, mas especialmente a viagem técnica ao campus de Sousa – alinhada pelo NEABII – promoveram contato direto com os saberes dos povos originários, ampliando a consciência sobre a diversidade cultural e a urgência de combater a invisibilidade histórica desses grupos. Os autores deste estudo participam do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, relacionado ao projeto “Saberes Indígenas”, parceria da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) com o Instituto Federal da Paraíba (IFPB).

Ademais da base teórica, as vivências também geraram práticas, como visitas a locais de valor arqueológico e geológico, onde foi possível ver elementos como pinturas rupestres e marcas de fósseis. Esses documentos, por sua vez, trouxeram reflexões sobre a ancestralidade e o passado das terras, hoje ocupadas, sendo a “posse inicial das terras” e os estragos da colonização, como o esvaziamento cultural, as missões de ensino e os processos de incorporação obrigatória. Como lembra Munduruku (2009), ao refletir sobre o Brasil como um país erguido sobre um grande cemitério indígena, é necessário reconhecer a história de silenciamento e violência que ainda permeia a estrutura social. Em contraste com outras pautas, as deliberações também mostram formas de oposição e de manter a cultura, como a aplicação medicinal de plantas, a valorização da cultura passada pela oralidade, a persistência das línguas nativas e como se cuida do ambiente natural. Valorizando os saberes tradicionais vinculados a matrizes epistemológicas outras que não as européias, superando, assim, a imposição da dúvida epistemológica de que falava Baniwa, 2019.

Nesse contexto, o encontro importantíssimo no decorrer da viagem foi um local essencial para ouvir, trocar ideias e firmar o conhecimento. Foram falados assuntos como a ligação dos povos originais com a caatinga, os problemas do meio ambiente, como desmatamento e a transformação em deserto, e também detalhes sobre fé, rituais, a fabricação de ferramentas, a organização social e o uso da terra. Esse debate permitiu uma análise crítica do que aconteceu na colonização e dos efeitos hoje em dia sobre as comunidades tradicionais, tornando ainda mais importante a educação para reconhecer e valorizar as culturas.

As experiências contadas nessas intervenções também revelaram o quão valioso é a identidade étnica e racial no desenvolvimento de pessoas que pensam e se importam com o mundo. Tópicos como pertencimento e combate ao preconceito, e estima pelas origens culturais foram mergulhados em ambientes colaborativos, estimulando a escuta atenta,

apreciação e a empatia. A criação conjunta dessas ocasiões pôs à mostra não apenas o poder dos conhecimentos ancestrais, mas também as falhas nas estruturas sociais que ainda se deixam influenciar pela exclusão e pelo silenciamento.

Destas experiências, nota-se a função crucial dos NEABIs como elos entre os saberes tradicionais e o contexto acadêmico. Esses núcleos operam fomentando uma educação que reconhece e aprecia a diversidade, desafiando perspectivas eurocêntricas e impulsionando a equidade. As iniciativas promovidas por esses espaços demonstram sua capacidade transformadora na estruturação de instituições educacionais mais justas, diversificadas e fiéis à justiça social.

#### **4. Considerações Finais**

Vendo tudo que foi dito, fica exposto que colocar o saber indígena nas escolas é mais do que só apreciar a cultura, é obrigatório eticamente, socialmente, e em termos de educação. Reconhecer e incorporar esses conhecimentos nas escolas, sendo crucial para criar uma educação que seja realmente intercultural, democrática e inclusiva.

Nesse sentido, os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas, os NEABIs, são super importantes, eles conectam os conhecimentos antigos com as salas de aula, incentivando o respeito à diversidade, valorizando identidades e combatendo as desigualdades que existiam antes. Além de serem espaços de estudo, os NEABIs são ferramentas para mudar a sociedade, ajudando a construir um lugar mais justo, diverso, e que reconheça a riqueza que se tem.

Em resumo, é fundamental destacar, com veemência, que fortalecer esses núcleos e assegurar sua influência nas decisões institucionais, é crucial. Assim, a educação conseguirá desempenhar sua função social de verdade: moldar cidadãos críticos, bem informados e engajados, com foco na equidade, justiça social, e o respeito pelas ricas culturas que formam o Brasil.

#### **5. Agradecimentos**

Agradecemos ao CNPQ, por ter financiado a pesquisa por meio das bolsas PIBIC - Ensino Médio. Gratos também ao NEABII do IFPB em Monteiro e à Unidade Acadêmica de Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande em Sumé, que desenvolveram essa parceria a partir do trabalhos de nossos orientadores, os professores Clayton Rodrigues (IFPB) e o Professor Luan Gomes (UFCG).

#### **5. Referências**

- MUNDURUKU, Daniel. Banquete dos deuses. 2. ed. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- MUNDURUKU, Daniel. Banquete dos deuses. 2. ed. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- BANIWA, Gersem Luciano. *Antropologia colonial no caminho da antropologia indígena*. Revista do PPGCS – UFRB – Novos Olhares Sociais | Vol. 2, n. 1-2019. disponível em: [http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/documentos/2016/notas\\_sobre\\_o\\_censo\\_da\\_educacao\\_superior\\_2016.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2016/notas_sobre_o_censo_da_educacao_superior_2016.pdf). Acesso em: 12 abr. 2019.
- GIL, A.C. Como Elaborar Projetos de Pesquisa, 6ª edição. São Paulo: Atlas, 2017.
- MINAYO, M. C. S. (org.) Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 1999. Petrópolis, Vozes.
- MUNDURUKU, Daniel. O banquete dos deuses: conversa sobre a origem da cultura brasileira. 2. ed. São Paulo: Global, 2009.